FORMAÇÃO DOCENTE CONTEXTUALIZADA A PARTIR DAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DE JOVENS E ADULTOS SOBRE A VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Teacher training from contextualized productions textual youth and adults on violence

Formación docente contextualizada a partir de las producciones textuales de jóvenes y adultos sobre la violencia de género

Ada Augusta Celestino Bezerra[1]

Ranúsia Pereira Silva[2]

George Emmanuel do Nascimento Araújo[3]

RESUMO: Este artigo analisa perspectivas dos alunos da educação básica, na modalidade de educação de jovens e adultos (EJA) – ensino médio – a respeito da temática: pelo fim da violência contra a mulher, a partir das produções textuais desenvolvidas no Concurso de Redação do Projeto Transdisciplinaridade na Literacia e Numeracia de Jovens e Adultos do OBEDUC/CAPES/UNIT-SE/TRANSEJA, em municípios do semiárido sergipano, no contexto de formação de professores. As produções textuais foram analisadas quanto aos significantes e concepções traduzidos nas categorias emergentes que receberam maior ênfase dos alunos. Pela análise textual discursiva proposta por Moraes (2003; 2007), tentou-se apreender dos participantes, as diferentes representações e dimensões do significado da violência, as aproximações e os distanciamentos apresentados nos textos e expressões que direcionam as relações sociais (re) construídas no decorrer dos discursos. A motivação para a produção veio a partir do contato docente e/ou discente com a crítica social apresentada pelo filme Anjos do Sol, no qual foi retratada a violência contra a mulher, através de agressões físicas, psicológicas, ostensivas ou veladas. Trata-se de pesquisa de natureza qualitativa, inspirada nas histórias de vida dos sujeitos que assimila argumentos do senso comum. O marco teórico dos pesquisadores funda-se em Arendt (1994), Minayo (1990), Chauí (1985), Waiselfisz (2011, 2012), Nóvoa (1992), Schön (2000) e Moraes e Galiazzi (2007). O pressuposto é que a formação dos docentes em serviço é uma das formas de singularizar o agir, reagir e interagir diante dos contextos intra e extraescolares. A metodologia aplicada foi à metafórica analise textual discursiva proposta por Moraes e Galiazzi (2007): uma tempestade de luz. Os resultados alcançados permitem visualizar as diferentes possibilidades de representações de alunos e alunas da EJA a respeito da violência contra a mulher, com suas dimensões e perspectivas de superação.

PALAVRAS-CHAVE: Análise discursiva. Educação de jovens e adultos. Formação continuada. Relações de gênero. Violência.

INTRODUÇÃO

> Toda teoria crítica é uma teoria ancorada no compromisso social com aqueles que em determinadas relações sociais se incluem no polo oprimido, a partir

[1] **Ada Augusta Celestino Bezerra**: Pós-doutora em Educação pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (Portugal). Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Coordenadora do Observatório de Educação OBEDUC/UNIT/CAPES

[2] **Ranúsia Pereira Silva**: Mestranda em Educação pela Universidade Tiradentes – UNIT.

[3] **George Emmanuel do Nascimento Araújo:** Graduando em Licenciatura em Letras – Inglês pela Universidade Tiradentes. Integrante voluntário do Observatório de Educação OBEDUC/UNIT/CAPES

> do pressuposto de que toda relação social é uma relação de poder que pode exercer-se sob a forma de dominação x subordinação. (AZEVEDO e GUERRA, 1993, p. 27).

Na sociedade brasileira persistem dicotomias cristalizadas no âmbito das superestruturas, debilitando progressivamente a sociedade civil. Uma delas é a questão de gênero que atravessa a dura realidade da sociedade de classes sociais que sustenta o modo de produção de existência no país, no contexto de um Estado que se desconfigura na crise do Estado-Nação em favor de novas instâncias de regulação supranacional, com o Estado Neoliberal, rumo ao Neodesenvolvimentismo ou de volta ao Estado Burocrático-Autoritário.

A violência nunca deverá ser vista como pretexto, razão ou desculpa para legitimar uma ação condenável dirigida a alguém numa circunstância de inferioridade ou constrangimento. Acompanhando o desenvolvimento das estatísticas publicadas em diferentes veículos de comunicação nas últimas décadas, a exemplo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA / Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS), em sua 2ª edição, no ano de 2013 e do Mapa da Violência 2012 onde são apontados os novos padrões da violência homicida no Brasil focados na problemática da vitimização feminina, constata-se a permanência do ordenamento patriarcal com suas consequências em pleno século XXI.

Realizada através de uma pesquisa domiciliar e presencial, em 3.809 domicílios, em 212 municípios do país, o documento oficial publicado pelo IPEA, intermediou o alcance dos resultados através de uma coleta de dados em todas capitais, levando-nos a conhecer os índices de tolerância social à violência contra a mulher. A pesquisa foi organizada de forma que os entrevistados viessem a responder questões concordando ou discordando, total ou parcialmente do que era afirmado, nas quais as assertivas estavam voltadas para o ordenamento patriarcal e heteronormativo da sociedade. De acordo com o documento oficial do IPEA, por ordenamento patriarcal e heteronormativo da sociedade entende-se uma organização social baseada no poder masculino e na qual a norma é a heterossexualidade. (IPEA, 2013, p.4).

Estando sob o controle de uma sociedade dominada por fortes traços masculinos, são altos os índices de dominação, mesmo na contemporaneidade. Baseados no que relata a pesquisa constatamos o poder do homem nos dias atuais apesar das transformações sociais:

> A sociedade se organiza com base na dominação de homens sobre mulheres, que se sujeitam à sua autoridade, vontades e poder. Os homens detêm o poder público e o mando sobre o espaço doméstico; têm controle sobre as mulheres e seus corpos. Por maiores que tenham sido as transformações sociais nas últimas décadas, com as mulheres ocupando os espaços públicos, o ordenamento patriarcal permanece muito presente em nossa cultura e é cotidianamente reforçado, na desvalorização de todas as características ligadas ao feminino, na violência doméstica, na aceitação da violência sexual. A família patriarcal organiza-se em torno da autoridade masculina; para manter esta autoridade e reafirmá-la, o recurso à violência – física ou psicológica – está sempre presente, seja de maneira efetiva, seja de maneira subliminar. (IPEA, 2013, p.4)

Quando vítimas, as mulheres são alvo da agressão física, moral ou psicológica e da violência de gênero, sendo que o conceito de violência vem sendo classificado de diferentes formas. Com o advento da Lei nº 11.340/2006 - Lei Maria da Penha, falar sobre violência vem sendo não apenas mais frequente, como também um fato mais desmistificador dos estereótipos estabelecidos por uma sociedade patriarcal que criou formas de representar a mulher pejorativamente.

Pode-se constatar que dentre os diferentes tipos de violência que temos conhecimento, as sofridas pela mulher podem ser caracterizadas tanto como psicológicas, verbais, morais podendo ser transformadas em agressões e assédios dos mais variados aspectos. Apesar de parte de essas ocorrências virem a público em busca da punição dos culpados, muitas ainda teimam em permanecer no anonimato, acobertadas por suas vítimas (mulheres), seja por medo, ou por não acreditarem em uma solução justa que possa livrá-las das agressões ou das represálias futuras.

Neste sentido, o artigo se propõe a analisar a visão dos alunos da EJAEF (2ª Fase) e EJAEM (Ensino Médio) sobre a violência de gênero através das redações individuais sobre o tema "Pelo fim da violência contra a mulher", a partir de análises textuais discursivas possibilitadas pelas produções textuais desses alunos. Objetiva-se também levantar e discutir alguns conceitos utilizados por diferentes autores tais como Arendt (1994), Durkheim (1966), Minayo (1990) e Chauí (1985), juntamente com a metodologia metafórica da Análise Textual discursiva de Moraes e Galiazzi (2007) e o fato de cada um deles tecer seus conceitos de forma a colocar a violência para além do social, envolvendo-a também no campo psíquico, cultural e moral.

Como motivação desse projeto junto a alunos da EJA destaca-se a participação do OBEDUC/CAPES/UNIT na Campanha dos "16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra a Mulher" – um ativismo proposto pela OAB/SE em parceria com entidades das esferas pública e privada nas áreas de educação, saúde, justiça, segurança

pública, Sistema S (SESC, SENAI, SENAT e SENAC) – que junto ao Projeto TRANSEJA2 financiado pelo edital 049/2012/CAPES/INEP/UNIT com o título "TRANSDICIPLINARIDADE NA LITERACIA E NUMERACIA DE JOVENS E ADULTOS", promoveu com a participação dos bolsistas graduandos, professores da educação básica e mestrandos em educação da Universidade Tiradentes - Unit, seminários, caminhadas, oficinas pedagógicas, produção de cartazes e um Concurso de Redação.

A violência contra a mulher focada pelo OBEDUC/CAPES/UNIT a partir do filme Anjos do Sol foi o marco de lançamento do Concurso de Redação no sertão sergipano, compreendendo o período entre Fevereiro e Junho de 2014, durante a vigência da 2ª fase do Projeto TRANSEJA2. A realização do concurso junto aos professores e alunos da modalidade EJA foi levada ao semiárido sergipano, nas unidades escolares pelos respectivos professores, aonde o programa de formação continuada vem sendo desenvolvido nesse primeiro biênio, contando com a participação de 40% dos municípios.

No contexto desta investigação as questões norteadoras foram: A permanência da violência de gênero ao longo dos anos pode ser atribuída à impunidade? A violência contra a mulher está ligada a uma herança cultural? Homens e mulheres, igualmente vítimas da violência de um modo de produção da existência regido pela exploração, assumem uma posição dicotômica em detrimento da luta unitária pela transformação social?

Diante destes questionamentos este artigo apresenta os seguintes objetivos: Analisar, através das análises textuais discursivas das redações, como o conceito "violência" é apreendido e representado pelos alunos; verificar, após a leitura das redações, os significados (re)construídos a partir do tema violência de gênero; identificar categorias e subcategorias no discurso dos alunos, mergulhando nos significados apresentados através da desmontagem dos textos (unitarização).

> O primeiro elemento do ciclo de análise é a desmontagem dos textos. Ao examinar esse elemento, fazemos, em primeiro lugar, uma incursão sobre o significado da leitura e sobre os diversificados sentidos que esta permite construir a partir de um mesmo texto. Daí nos movemos para tratar do "corpus" da análise textual, do, atingindo a partir disso o cerne desse primeiro elemento da análise, que é a desconstrução e a unitarização dos textos do "corpus". (MORAES e GALIAZZI, 2007 p.13).

Tendo como aporte teórico argumentos de autores como, Arendt (1994), Minayo (1990), Chauí (1985) e Waiselfisz (2011, 2012), juntamente com a metodologia metafórica da Análise Textual Discursiva de Moraes e Galiazzi (2007), acreditamos compreender situações diversificadas que configuram a violência contra a mulher como uma realidade que deixa marcas ou lesões, físicas e psicológicas, como também danos morais e patrimoniais, diante das quais não há como nos omitir.

METODOLOGIA

Foram essenciais para a elaboração deste artigo a pesquisa bibliográfica e a documental realizada em documentos referência que atuam no combate à violência doméstica e familiar contra a mulher, tais como Mapa da Violência 2012, Os novos padrões da violência homicida no Brasil, Lei Maria da Penha/Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, Tolerância social à violência contra as mulheres 04 de abril de 2014/IPEA e as produções dos alunos da EJAEM e EJAEFII.

Esta pesquisa, assumindo a responsabilidade de preservar a integridade dos participantes, tendeu a identificá-los por códigos ao invés de seus respectivos nomes. Deste modo, utilizou-se como embasamento na sua formulação: o número de ordem de análise, do aluno e da escola, formando o seguinte padrão: A + Nº do participante + E + Nº da escola + M ou F. Nos quais A = Aluno, E = escola, M = participante do gênero masculino e F = participante do gênero feminino. Tendo, portanto o seguinte modelo: A1E1F, A2E1M, A3E1F, etc.

A proposta analítica de caráter bibliográfico deste estudo tem como base a metodologia metafórica de Moraes (2003) e posteriormente aperfeiçoada e complementada por Moraes e Galiazzi (2007). Na teoria intitulada "Uma Tempestade de Luz", são descritos e revelados os procedimentos analíticos que podem ser aplicados a qualquer tipo de corpus textual. Esse conjunto de procedimentos é denominado por Moraes e Galiazzi (2007) de Ciclo Analítico.

O ciclo analítico textual discursivo refere-se à definição das unidades de análise por meio da metodologia da Análise Textual Discursiva proposta por Moraes e Galiazzi (2007). As unidades de análise (igualmente conhecidas como unidades de significado ou de sentido) podem ser elaboradas com base nos conhecimentos tácitos, sempre em

consonância com os objetivos da pesquisa em questão. Estas unidades são o resultado da desconstrução de um *corpus*, da sua fragmentação, sua desmontagem ou desintegração.

Com o objetivo de melhor compreender e organizá-las, Moraes e Galiazzi (2007, p.18) ainda incitam o uso de códigos de identificação das categorias que surgirão da decomposição dos textos em dados. O objetivo é fazer com que o pesquisador "[...] saiba em cada momento quais as unidades de contexto, geralmente os documentos, que deram origem a cada unidade de análise. [...]".

Visando à implementação dessa perspectiva organizacional, utilizando como material de pesquisa a ser analisado, as redações dos participantes do concurso foram decompostas e fragmentadas, promovendo assim uma ruptura na sistematização e organização dos sentidos explícitos para, daí, reorganizá-las por meio das categorias emergentes no decorrer da análise, portanto sem categorias pré-estabelecidas.

As etapas da unitarização frisadas por Moraes e Galiazzi (2007) são: 1- fragmentação dos textos e codificação de cada unidade (da qual resultam as unidades de análise a partir de uma ou mais leituras dos materiais de pesquisa ou corpus); 2- reescrita de cada unidade de modo que assuma um significado, o mais completo possível em si mesmo; 3- atribuição de um nome ou título para cada unidade produzida.

REVISÃO DE LITERATURA

A condição de ser mulher para muitas é motivo de destaque e orgulho; porém, em outros casos, traduz-se numa história de violência, humilhação e constrangimento. Essa associação entre mulher e violência requer a compreensão dessa categoria.

Com base no art. 1*º do* documento da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a mulher (Convenção de Belém do Pará), ratificada pelo Brasil em 1995, a referida violência consiste em "qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado" (ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS, 1994). Assegurar o cumprimento da lei torna-se necessário, uma vez que não basta apenas a sua existência e legitimação por parte dos poderes constituídos.

Tendo como base a alínea "a" do art. 2º desse documento, foi elaborada a definição de violência doméstica e familiar contra a mulher que consta, na Lei Maria da Penha, definição essa presente no seu art. 5º. Segundo o art. 2º do documento da aludida Convenção, "Entender-se-á que violência contra a mulher inclui violência física, sexual e psicológica".

Comparando os textos oficiais sobre o tema violência, a Organização Mundial da Saúde (OMS) define-o como o uso intencional da força física, poder, real ou sob forma de ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, grupo ou comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação de liberdade (WHO, 2002). A afirmação oficial do art.2º corrobora com o que foi dito pela OMS em sua definição, ao classificar a violência quando dirigida a alguém, de forma geral, no entanto, o principal alvo segundo os índices estatísticos continua sendo a mulher e a sua condição de vulnerabilidade perante a sociedade.

Na perspectiva funcionalista, os sistemas eficientes, não demandariam punição; neste sentido, a violência é definida por Durkheim (1966), como um sintoma de funcionamento ineficiente das instituições sociais, nos processos de socialização, normas sociais e jurídicas. Arendt (1994), como mulher, pesquisadora, influente filósofa e política alemã de origem judaica, possui uma das mais vigorosas reflexões sobre a temática violência. Em seus questionamentos, ela considera que nenhum historiador ou estudioso da política deveria ser alheio ao imenso papel que a violência sempre desempenhou nos assuntos humanos, e fica surpresa com quão pouco esse fenômeno é interrogado e investigado pelos cientistas. Ainda relata em seus estudos que a violência tem caráter instrumental, ou seja, é um meio que necessita de orientação e justificação dos fins que persegue.

Comungamos com Minayo (1990) que reconhece que a violência contra a mulher é um problema complexo, que engloba fatores sociais, econômicos e de poder da sociedade. Vale ressaltar que as políticas de saúde são essenciais para o combate à violência, mas é preciso avançar na ampliação de políticas que contribuam para a inclusão econômica das mulheres e elevação de sua autoestima, criando condições favoráveis ao fortalecimento da sua autonomia. Ainda acrescentamos que se trata de uma disputa de poder, que se instala entre gêneros, no seio dos diferentes grupos ou classes sociais, não obstante no âmbito das relações do modo de produção da existência

homens e mulheres sejam oprimidos ou opressores primeiramente por sua condição de social de proprietário ou desapropriado quanto aos meios de produção.

Classificada a violência entre os teóricos como doméstica, psicológica, familiar e intrafamiliar, os diferentes modos de conceituá-la parecem distanciar-se do alvo central deste artigo, a mulher, e desta forma muitos deixam de registrar a violência de gênero. A violência doméstica é o abuso do poder exercido pelos pais ou responsáveis sobre a criança ou adolescente, ou ainda sobre a mulher. É também uma maneira de afirmação do poder de dominação dos espancadores pela força física. Existem vários tipos de violência doméstica: física (bater, beliscar, empurrar, chutar), psicológica (falar mal, humilhar, agredir com palavras), abuso sexual, negligência e abandono.

Nesse sentido, Azevedo e Guerra (1993), esclarecem que as violências estão caracterizadas em quatro modalidades, definidas por sua natureza como: **física** (correspondem ao emprego de força física no processo disciplinador, ou toda ação que causa dor física); **sexual**, (todo ato ou jogo sexual, relação heterose ou homossexual entre um ou mais adultos e uma criança ou adolescente, para estimulá-los sexualmente ou utilizá-los para obter uma estimulação sobre sua pessoa ou a de outra pessoa); **negligência** (falha dos responsáveis no provimento das necessidades físicas, de saúde, educacionais, higiênicas e/ou de supervisão e prevenção de riscos); **psicológica** (situações de constrangimento, humilhação e depreciação, com ameaças, gritos, injúrias, privação de amor, rejeição deixando marcas emocionais e psicológicas, que contemplam a violência simbólica, praticada inclusive na escola).

A violência contra a mulher é referida de formas diversas desde a década de 1950. Designada como violência intrafamiliar na metade do século XX, vinte anos depois passou a ser referida como violência contra a mulher. Nos anos 1980, foi denominada como violência doméstica e, na década de 1990, os estudiosos passaram a tratar essas relações de poder, em que a mulher em qualquer faixa etária é submetida e subjugada, como violência de gênero (BRASIL, 2006).

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste estudo foram analisadas trinta e duas produções textuais provenientes de alunos de oito (8) docentes da EJA que participaram do Concurso de redação

promovido pelo Projeto TRANSEJA 2. O tema sugerido foi "PELO FIM DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER"; após assistirem ao filme Anjos do Sol, desenvolveram discussões e reflexões sobre os diferentes tipos de violência sofridos pela mulher, fazendo um contraponto com as suas experiências e histórias de vida. A proposta foi apresentada aos professores dos municípios durante os Seminários de Abertura da Pesquisa-Ação de Formação Transdisciplinar do Professor da EJA, em cada município do semiárido sergipano. Em relação ao sexo, os participantes do concurso declararam-se: 81,25% (26) do sexo feminino e 18,75% (6) do sexo masculino.

O alto índice de participação do sexo feminino pode ser justificado, pressurosamente, da seguinte maneira: alto índice de mulheres nas turmas da EJA; maior interesse por parte das mulheres na abordagem do tema; baixa frequência do gênero masculino às aulas; e a necessidade de expressão via depoimentos que relatam a própria experiência.

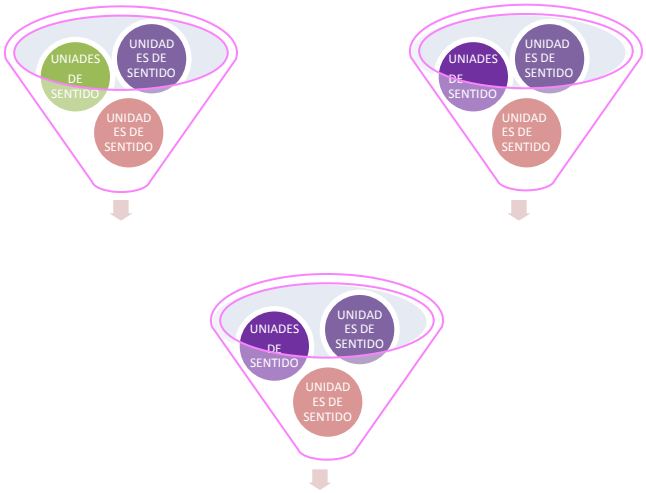
As análises textuais discursivas baseadas na metodologia metafórica proposta por Moraes e Galiazzi (2007), que são apresentadas a seguir tendem a levantar e a (re) inventar os conceitos e dimensões da violência (não apenas da mulher). Como foram trabalhados textos relativamente curtos e objetivos, efetuou-se a quebra dos limites das páginas (textos individuais) de modo a elucidar e reconhecer o sujeito discursivo[4] predominante (tipo de consciência coletiva, onisciente, social-histórica e detentora de ideologia) e o seu interdiscurso (sua memória discursiva e acessada de maneira inconsciente pelos sujeitos).

Em meio ao caos dos significados e das palavras desfragmentadas e reorganizadas, suspensas num espaço imaginário, emergem novas unidades de sentido com significados inter-relacionados. No processo de reorganização, os autores da análise tornam-se coautores dessas emergentes. Assim, na análise do caos dá-se "UMA TEMPESTADE DE LUZ".

Daí seguem-se a fragmentação do texto e a codificação de cada unidade de análise, após sucessivas leituras dos materiais de pesquisa ou *corpus*; a reescrita significativa de cada unidade, de modo mais completo possível em si mesmo; e a designação de cada unidade produzida.

[4] Definição de Orlandi (2009).

Figura Nº 01: Representação da Análise Textual, Categorização e Subcategorização



FONTE: OBEDUC/UNIT/CAPES (COM BASE EM MORAES; GALIAZZI, 2007),) **DATA: 2014**

Nesse processo de categorização, dá-se a busca e a compreensão das relações das partes com o todo e vice-versa. Seguem unidades de sentido identificadas na investigação provenientes do processo de unitarização do corpus textual geral trabalhado:

Quadro Nº 01: Exemplares de Fragmentos da Seleção do Corpus Geral

Exemplares de Fragmentos da seleção do corpus geral.
Autonomia / Violência-física / Independência / Agressão-física-e-psicológica / Deus / Agressão / Xingamento / Ciúmes / Suicídio / Sofrimento / Respeito / Desprezo / Denúncia / Polícia / Sofrimento / Respeito / ONG / Agressão-verbal-e-física / Vergonha / Violência-verbal-ou-física / Mulher / Medo / Abuso-sexual / Mulheres / coragem-da-denúncia / Violência-doméstica / Prostituição-infantil / Tráfico-de-mulheres-e-crianças / Medo / Filhos / Proteção / Lei-Maria-da-Penha / Violência / Medo / Silêncio / Morte / Filho / Ciúme / Relacionamento / Raiva / Companheiro / Homem / Valores / Classes-sociais.

FONTE: OBEDUC/UNIT/CAPES (Redações de alunos da EJA/EM sertão sergipano) **DATA: 2014**

Ao coletar do *corpus* as unidades mínimas de sentido que agregam e ganham definições dos participantes e expô-las à luz do olhar crítico dos autores, iniciaram-se a aglutinação e o agrupamento das unidades de sentido mais amplas e abrangentes que demonstram uma relação mais aproximada. São estabelecidas, a partir daí, as subcategorias. São elas: O Sujeito Responsável; O Sujeito Envolvido; Dimensões da Violência.

A primeira subcategoria emergente apresentada pelo sujeito discursivo, o **Sujeito Responsável**, justificada pela sua incessante intenção de identificar e responsabilizar sujeitos e instituições da culpa da prática (ou aumento) da violência ou

do dever de combatê-la, trabalhá-la conceitualmente e/ou erradicá-la. Tal como é percebido nas palavras dos participantes que foram transcritas em *ipsis litteris* para o documento de análise textual das redações:

> [...] "A justiça não prende de imediato." [...] (A1E4F); [...] "Para combater isso é muito mais que um simples atendimento à saúde, precisa passar segurança a paciente, precisa mostrar a ela que é possível ter segurança e é necessária um ato inicial dela." (A2E4F); [...] "isto é por que a Justiça não faz o seu papel no primeiro boletim de ocorrência," [...] (A3E4F); [...] "O Papel do autoridades é Proteger a mulher e Punir os agressores" (A3E4F); [...] "Eu queria que políticos desse mais valor as crianças" [...] (A1E7F); [...] "Antigamente era mais difícil mais hoje a mulher so e violentada se quizer" [...] (A4E6F). (Grifos Nossos).

Para formular códigos, foram utilizados o número de ordem de análise, do aluno e da escola, formando o seguinte padrão: A + Nº do participante + E + Nº da escola + M ou F. Nos quais A = Aluno, E = escola, M = participante do sexo masculino e F = participante do sexo feminino (Ex.: A1E1F, A2E1M, A3E1F, etc.).

De acordo com o sujeito discursivo, remete-se aos Sujeitos Responsáveis as definições:

Quadro Nº 02: Categoria Sujeitos Responsáveis

Categoria Sujeitos Responsáveis
Polícia / ONG / Lei_Maria-da-Penha / Classes-sociais / Boletim-de-ocorrência / Impor-medidas / Classe-social / Autoridades / Classes-sociais / Sociedade / Família / Lei / Polícia / Mulher / Estado / Mulheres / Televisão / Público / Providências / Município / Comunidade / Autoridade / Políticos / País / Lei / Sociedade / Delegacia.

FONTE: OBEDUC/UNIT/CAPES (Redações de alunos da EJA/EM sertão sergipano) **DATA: 2014**

Questiona-se: é safo jogar a responsabilidade da violência unicamente contra as autoridades e dizer que elas "[...] não fazem o seu papel corretamente [...]" (A5E4), (A1E7)? Este questionamento que agora nos norteia, remete-nos à elucidação de uma categoria já debatida no cenário educacional: a alteridade.

Pensar na vítima da violência e no estado em que se encontra, não é classificá-la como frágil (como foi proposto por alguns participantes), e sim considerar sua situação de vulnerabilidade, que é totalmente passível de mudanças. No depoimento de uma das participantes pode-se observar a importância do significado do trabalho para as mulheres, um dos responsáveis pelo desenvolvimento da alteridade:

> [...] “Posso agradecer a Deus pela minha independência, Voltei a estudar, tendo meu próprio comércio, meu lindo filho hoje com 5 anos de idade, eu com 19 e também com uma longa história, para contar,” [...]. (A1E1F).

O trabalho é considerado, pelas participantes do sexo feminino, como uma conquista e, ao mesmo tempo é tido como um desafio para as mulheres que ainda dependem financeiramente de suas famílias devido à situação social em que se encontram, sem possibilidade (ou até mesmo sem a permissão) de estudar e se profissionalizar. Em respaldo, cita-se em *ipsis litteris* fragmento textual de um participante.

> [...] “Nasci novamente, por quê ele havia me tirado os meus estudos.” [...]. (A1E1F).

O **Sujeito Envolvido**, como subcategoria, apresenta todos os sujeitos ativos e participativos no que se diz respeito à violência, posicionados positivamente, neutralmente ou negativamente. Por que não pensar metaforicamente, se utilizamos uma metodologia baseada numa metáfora denominada “Uma Tempestade de Luz”? Pensemos, portanto, em uma das dimensões da violência e em uma das formas pelas quais ela é expressa pelos participantes: a ausência da alteridade.

A ausência de alteridade – como uma das possíveis dimensões da violência – é comparada (pelos autores) a uma enfermidade soturna. Suas vítimas são torturadas silenciosamente e em longo prazo. De maneira quase imperceptível, vivem, então, uma das mais tristes realidades: sofrimento e opressão durante vários anos dentro de um silêncio que só é quebrado com muita insistência e dedicação, partindo de dentro e de fora dos círculos de convívio do sujeito.

> o mundo torna-se cada vez mais um todo. Cada parte do mundo faz, mais e mais, parte do mundo, como um todo, está cada vez mais presente em cada uma de suas partes. Isto se verifica não apenas para as nações e povos, mas para os indivíduos. (MORIN, 2002, p. 67)

É neste quadro que retomamos o conceito de Alteridade, trabalhando a aliança sociedade/identidade, no que se percebem as dimensões micro (no âmbito dos sujeitos) e macro (das políticas públicas). A ética da alteridade, segundo Silva, Machado e Bezerra (2013) resume-se no respeito ao diferente, ao outro que nos convida e se nos revela, sendo fundamental para o outro e para si. Esse conceito, que já se encontra no pensamento marxista, hoje, está no paradigma da complexidade que se propõe a superá-

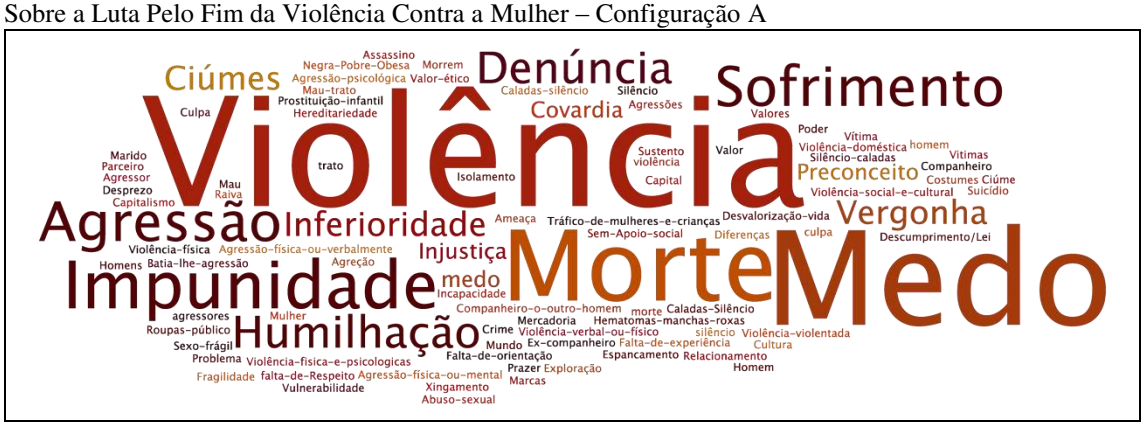
lo, sem o negar porque calcado no profundo conhecimento teórico e prático do primeiro, trazendo a esperança de um futuro holístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisarmos as redações dos alunos, individualmente e como consciência de um coletivo, de trabalharmos com um universo de 2.628 palavras que giram na verdade em torno de 150 substantivos que representam a leitura da realidade feita por jovens e adultos do sertão sergipano da questão de gênero, sob a ótica da possibilidade de superação da violência contra a mulher, hábitos, sentimentos, emoções, relações, necessidades, valores, conceitos e preconceitos fundamentais, reafirmaram nossa crença no protagonismo humano como motor da história.

O universo de representações, sentimentos e experiências que se configurou nos discursos desses alunos, jovens e adultos do sertão sergipano, pode ser assim sintetizado:

Figura Nº 02: Universo de Representações Constatado Entre Alunos da EJA/EM do Sertão Sergipano Sobre a Luta Pelo Fim da Violência Contra a Mulher – Configuração A



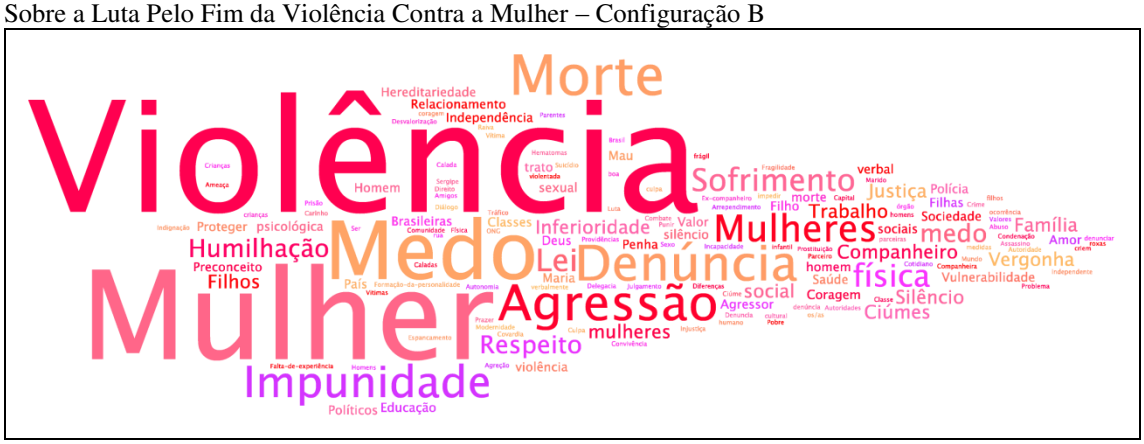
FONTE: OBEDUC/UNIT/CAPES (Powered by Wordle.com) **DATA: 2014**

Ao tempo em que jovens e adultos destacam ou buscam em suas produções textuais os sujeitos responsáveis, os sujeitos envolvidos e o reconhecimento das dimensões da violência, trazem a tona de modo transversal à ausência da alteridade, categoria a ser desenvolvida essencialmente pela educação, notadamente na EJA. O que requer do professor a formação continuada.

Suas redações trazem representações de mulheres e homens vistos como seres humanos, pessoas inacabadas, em formação, que são violentadas economicamente e violentam-se culturalmente, sob o apanágio do medo e da impunidade. O fato de que

esse público frequenta a educação formal já nos traz sim a esperança de que a situação de violência contra homens e mulheres pode ser transformada na perspectiva de uma sociedade justa e igualitária, com a contribuição dos educadores e cientistas sociais verdadeiramente comprometidos com a transformação, inclusive do *status quo* em que se mantêm hoje a sociedade, os agressores e as vítimas. E o ponto de partida está presente nas próprias relações sociais que hoje conduziram a mulher da posição de submissão total à condição de provedora de sua família. Tal panorama é visível na configuração exposta na Figura que segue:

Figura Nº03: Universo de Representações Constatado Entre Alunos da EJA/EM do Sertão Sergipano Sobre a Luta Pelo Fim da Violência Contra a Mulher – Configuração B



FONTE: OBEDUC/UNIT/CAPES (Powered by Wordle.com) **DATA: 2014**

O professor tem um papel na formação humana, especialmente junto a jovens e adultos, com a contínua (re) construção de conhecimentos e saberes que partem de um repensar permanente do cotidiano, transformando as ricas experiências de crescimento cientifico e técnico à luz do compromisso político para com a mudança das relações escola - sociedade. Este é o permanente processo de literacia humana do qual somos protagonistas e eternos aprendizes. O conhecimento desse universo de representações e emoções poderá representar ponto de partida para inúmeras aulas, discussões, lições de vida e, mais que isto, de iniciativas sociais e políticas.

ABSTRACT: This article seeks to analyze the perspectives of students in basic education, at the form of for youth and adults education (YAE), the stage of secondary education, about theme: for the end of the violence against women, from textual productions developed in an Essay Contest promoted by OBEDUC / CAPES / UNIT UP / TRANSEJA, the YAE in 36 districts of the Sergipe's semiarid (Br). The textual productions will be analyzed with the objective to show its significant emerging categories that received greater emphasis by the students conceptions. Proposed by Moraes (2003, 2007) we hope to understand, from the participants, the different representations and dimensions of the concept of the violence, similarities and disagreements presented inside the texts and expressions that (re)construct the social relations constructed during the speech. The motivation for the production came from the contact with

social criticism by the Angels of the Sun movie in which he was portrayed violence against women, through physical, psychological, overt and covert aggression. The nature of this research is qualitative and is inspired by the life stories and arguments of common sense. The arguments of researchers give us a theoretical framework of educational thinkers and authors, as Nóvoa (1992), Schön (2000) and Moraes et al Galiazzi (2007). The research works under the assumption that the training of teachers in service, will always be one of the ways to single out as each acts, reacts and interacts with their contexts inside and outside your practice. The methodology applies to metaphorical textual discourse analysis proposed by Moraes et al Galizzi (2007): A Storm of Light The results obtained provide insight into the possibilities of understanding different dimensions of violence against women and the possibility of overcoming it.

KEYWORDS: Violenceia. Woman. Continuous Formation. Análise discursiva. Youth and Adults Educations.

RESUMEN: Este artículo analiza perspectivas de los alumnos de la educación básica, en la modalidad de Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) – Enseñanza secundaria – a respecto de la temática: a por el fin de la violencia en contra de la mujer, a partir de las producciones textuales desarrolladas en el Concurso de Redacción del Proyecto Transdisciplinariedad en la Literacia y Numeracia de Jóvenes y Adultos del OBEDUC/CAPES/UNIT-SE/TRANSEJA , en municipios del semiárido de la Provincia brasileña de Sergipe, en el contexto de formación de profesores. Las producciones textuales fueron analizadas en cuanto a los significantes y concepciones traducidos en las categorías emergentes que recibieron mayor énfasis de parte de los alumnos. A través del análisis textual discursivo propuesto por Moraes (2003; 2007), se intentó aprehender de los participantes las distintas representaciones y dimensiones del significado de la violencia, las aproximaciones y los alejamientos presentados en los textos y expresiones que direccionan las relaciones sociales (re) construidas en el transcurso de los discursos. La motivación para la producción vino desde el contacto docente y/o discente con la crítica social presentada por la película Ángeles del Sol, la que retrata la violencia en contra de la mujer, a través de agresiones físicas, psicológicas, ostensivas o veladas. Se trata investigación de naturaleza cualitativa, inspirada en las historias de vida de los sujetos que asimila argumentos del sentido común. El marco teórico de los investigadores se funda en Arendt (1994), Minayo (1990), Chauí (1985), Waiselfisz (2011, 2012), Nóvoa (1992), Schön (2000) y Moraes y Galiazzi (2007). El supuesto es que la formación de los docentes en servicio es una de las formas de singularizar el actuar, el reaccionar y el interactuar ante los contextos intra y extra escolares. La metodología aplicada fue el metafórico análisis textual discursivo propuesto por Moraes y Galiazzi (2007): una tempestad de luz. Los resultados alcanzados permiten visualizar las diferentes posibilidades de representaciones de alumnos y alumnas de la EJA a respecto de la violencia en contra de la mujer, con sus dimensiones y perspectivas de superación.

PALABRAS-CLAVE: Análisis discursivo. Educación de jóvenes y adultos. Formación continuada. Relaciones de género. Violencia.

REFERÊNCIAS

ANJOS do Sol. Direção: Rudi Lagemann. Brasil Downtown Filmes: Dist. Globo Filmes, 2006. 1 filme (92 min).

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Delume Dumará, 1994.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. de (orgs). **Infância e violência doméstica**: fronteiras do conhecimento. São Paulo: Cortez, 1993.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Luiz Inácio Lula da Silva. Brasília, 7 ago. 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm Acesso em: 28 jun. 2014.

_____. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM). *Pacto Nacional pelo Enfrentamento da Violência contra a Mulher*. Brasília: SPM; 2007b. Disponível em: <http://200.130.7.5/spmu/docs/pacto_violencia.pdf>. Acessado em: 05 jul 2014.

_____. **II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Brasília: SPM; 2008.** Disponível em: http://200.130.7.5/spmu/docs/Livreto_Mulher.pdf. Acessado em: 28 jun. 2014

CHAUÍ, Marilena. Participando do Debate sobre Mulher e Violência. In: FRANCHETTO, Bruna, CAVALCANTI, Maria Laura V. C. e HEILBORN, Maria Luiza (org.). **Perspectivas antropológicas da mulher**. São Paulo: Zahar, 1985, p. 23-62.

DURKHEIM, Emílio. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1966.

MACHADO, Giselma. Práticas de Leitura sob a Perspectiva Discursivo-Textual na Educação de Jovens e Adultos. In: ALMEIDA, Maria Josefa de Menezes (org.), MACHADO, Giselma. REZENDE, Viviane Almeida. **Práticas pedagógicas na educação de jovens e adultos**: interdisciplinaridade, interculturalidade, intersetorialidade. Aracaju, Se, 2013.

MINAYO, M.C.S. Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros.** Brasília: Ministério da Saúde, 1990.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007. (224p.)

_____. **Uma tempestade de luz**: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. Ciência & Educação, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. – 8. ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

NÓVOA, Antonio. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher – **Convenção de Belém do Pará**.**1997**.Disponívelem: http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/instrumentos/belem.htm>. Acesso em: 05 jul. 2014.

_____. Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher – **Convenção de Belém do Pará.1994**. Disponível em:

http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/instrumentos/belem.htm>. Acesso em: 30 ago. 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

SILVA, Soane Maria Santos Menezes Trindade; MACHADO, Márcia Alves de Carvalho; BEZERRA, Ada Augusta Celestino. **Alteridade para mim e para si.** XXI EPENN. Recife, UFPE, 2013.

SCHÖN, D.A. **Educando o Profissional Reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Trad.Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000, 256p.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2012**: A Cor dos Homicídios no Brasil / Julio Jacobo Waiselfisz – Rio de Janeiro: CEBELA, FLACSO; Brasília: SEPPIR/PR, 2012.

_____. **Mapa da Violência 2012:** Os novos padrões da violência homicida no Brasil. São Paulo, Instituto Sangari, 2011.

WHO Global Consultation on Violence and Health. **Violence:** a public health prority. Geneva World Health Organization, 2002.